

Oposição a Maduro deve evitar agir como Bolsonaro, diz Lula

Principal rival do chavismo acusa brasileiro de 'validar abusos de um autocrata'

Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) celebrou, nesta quarta-feira (6), que a Venezuela tenha marcado as eleições para julho, mas colocou em dúvida o comportamento da oposição no país e fez um paralelo com Jair Bolsonaro (PL), sem citá-lo diretamente.

"Pode dizer assim na Folha de São Paulo: Lula está muito feliz que finalmente está marcada a data das eleições na Venezuela. Espero que as pessoas que estão disputando eleições não tenham o hábito de ex-presidente deste país, de negar processo eleitoral, as urnas e a respeitabilidade à Suprema Corte", afirmou, após ser questionado pelo repórter.

A Comissão Nacional Eleitoral da Venezuela confirmou na terça-feira (5) que o país terá eleições para presidente no dia 28 de julho, data em que nasceu Hugo Chávez, líder do país até sua morte, em 2013 — o dia escolhido para o anúncio, por sua vez, é a data em que Chávez morreu.

A declaração de Lula foi feita após pronunciamento em encontro bilateral com o premiê

da Espanha, Pedro Sánchez, no Palácio do Planalto.

Na declaração, Lula se voltou na direção de Sánchez e afirmou que Bolsonaro "teve insensatez, falta de pudor e falta de vergonha" ao convocar embaixadores do mundo para pôr em suspensão o sistema eleitoral em 2022. O episódio levou à inelegibilidade do ex-presidente pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Para Lula, não se pode lançar dúvidas sobre a disputa no país, mas ele não se deixou levar por jornalistas e respondeu rapidamente: "Se o candidato da oposição tiver o mesmo comportamento do nosso aqui [Bolsonaro], nada vale", declarou.

Depois, ele foi questionado a respeito do paralelo com o Brasil. "Tu só disse a vocês o que houve aqui nesse país, eu fui impedido de concorrer às eleições de 2018. Ao invés de ficar chorando, eu indiquei outro candidato e felei disputar as eleições".

Após a declaração de Lula, a oposição venezuelana Maria Corina Machado afirmou que o presidente brasileiro "valida os abusos de um autocrata".

"Bá, chorando? Disse isso porque sou mulher? O se-

“Espero que as pessoas que estão disputando eleições não tenham o hábito de ex-presidente deste país, de negar processo eleitoral”

Lula, presidente da República

“O senhor [Lula] está validando os abusos de um autocrata que viola a Constituição e o Acordo de Barbados”

Maria Corina Machado, líder da oposição venezuelana

nhor não me conhece. Estou lutando para fazer valer o direito de milhões de venezuelanos que votaram em mim nas primárias e o de milhões que tem o direito de fazê-lo em eleições livres, nas quais derrotarei Maduro", escreveu Corina na rede social X.

"O senhor está validando os abusos de um autocrata que viola a Constituição e o Acordo de Barbados que o senhor diz apoiar", seguiu Corina. Fazendo referência às negociações entre Maduro e a oposição que visavam garantir eleições livres, mas que foram deixadas de lado depois que o regime denunciou supostos planos para assassinar o opositor.

"A única verdade é que Maduro tem medo de me enfrentar porque sabe que o povo venezuelano está hoje nas ruas comigo", concluiu apositora.

Corina, que é a principal opositora do regime, foi declarada inelegível por 15 anos pela Controladoria-Geral da Venezuela. Ela havia sido recolhida em votação primária para disputar a eleição, apesar da decisão contra si, descartar desistir da candidatura.

Ela foi considerada inelegível por irregularidades administrativas da época em que foi deputada, de 2011 a 2014, segundo a Controladoria-Geral. A medida foi imposta contra ela em 2015, mas tinha vigência de um ano apenas.

Extensão, alega o órgão, seria porque ela casou com um dos EUA contra Maduro.

Opositora ferrenha do chavismo, Corina vinha disputando assim o principal nome para as primárias da oposição.

Premiê do Peru deixa o cargo acusado de tráfico de influência

LIMA (PERU) O primeiro-ministro do Peru, Alberto Otárola, renunciou nesta terça-feira (5) após ter o nome envolvido em um escândalo de suposto tráfico de influência em favor de uma mulher a quem chamava de "amor", em áudio revelado pela imprensa.

"Na conversa com a presidente da República, eu anunciei minha decisão de apresentar minha renúncia como presidente do Conselho de Ministros", disse Otárola em uma entrevista coletiva após reunião com a presidente Tina Bolognesi na sede do governo, em Lima.

Bolognesi nomeou o representante do país na Organização dos Estados Americanos (OEA), Gustavo Adrián, como novo primeiro-ministro nesta quarta-feira (6). Ela confirmou que, apesar de ter um novo primeiro-ministro, o restante de seu gabinete atual permanecerá o mesmo.

Otárola, um hábil operador político e advogado de 57 anos, era o braço direito do chefe de Estado desde 22 de dezembro de 2022.

O agora ex-primeiro-ministro teve que interromper uma missão oficial no Canadá e retornar ao Peru após o escândalo desencadeado pela publicação das gravações no fim de semana.

O programa de televisão Panorama revelou áudios em que se ouve a voz de Otárola expressando afeto por uma mulher que em 2023 recebeu dois contratos com o Estado no valor de 53 mil soles (cerca de R\$ 64,2 mil), como assistente técnica administrativa no Ministério da Defesa.

"Diga-me amor, para conversarmos. Você sabe que essas coisas incomodam, chateiam, mas você sabe que eu também te amo", diz o então primeiro-ministro à mulher de 35 anos.

Otárola negou ser um "corrupto" e disse que sua saída foi tramada por seus adversários políticos.

"Vou me submeter, claro, a todas as investigações, mas a perícia será absolutamente clara em relação à maneira grosseira como esses áudios foram editados e apresentados ao público", afirmou.

Bolognesi enfrentou protestos nas ruas entre o final de 2022 e o início de 2023 e lida com forte oposição de esquerda no Congresso.

Os protestos começaram em dezembro depois que o ex-presidente Pedro Castillo foi deposto e preso enquanto tentava dissolver o Parlamento em uma tentativa de golpe. Bolognesi, então vice-presidente, foi empossada, mas dezenas de pessoas morreram em manifestações que se seguiram.



O ex-premiê do Peru Alberto Otárola. Cria Biurovski - 12 jan. 23/Reuters

SÁNCHEZ VISITA LULA E CRITICA ISRAEL, MAS EVITA FALAR EM GENOCÍDIO



Colleen Kelly - AP Images

O primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, criticou nesta quarta (6) a postura de Israel na Faixa de Gaza, mas evitou repetir o termo "genocídio" utilizado pelo presidente Lula (PT).

A declaração ocorreu após reunião bilateral com o brasileiro, no Palácio do Planalto. Sánchez foi questionado se concorda com a classificação dada por Lula, mas deu uma resposta pouco direta.

"Temos dúvidas de que Israel esteja cumprindo o direito internacional humanitário", disse Sánchez. Já Lula afirmou: "Sejamos humanos e preçamos que o que está acontecendo lá é genocídio".

Espanha prorroga por 1 ano lei que facilita cidadania

Ivan Finetti

MADRID O ministro de Política Territorial da Espanha, Angel Víctor Torres, anunciou a prorrogação por mais um ano da Lei de Memória Democrática — conhecida como Lei dos Netos, por permitir que descendentes de espanhóis do século XIX possam obter a cidadania espanhola — e portassem um passaporte do país ibérico.

No anúncio, feito no fim de fevereiro, Torres afirmou que os procedimentos administrativos para obter a nacionalidade não são simples e que a lei será prorrogada "para que as pessoas possam ser regularizadas".

Em vigor desde outubro de 2022, a medida valeu por apenas dois anos, até outubro de 2024. Agora, terá validade até outubro de 2025.

"É uma chance única para que descendentes de espanhóis, depois do processo antes da implantação dessa lei era muito restritivo. Se quem fosse o neto e tivesse de 18 a 21 anos poderia obter a cidadania espanhola", afirmou Rodríguez Iñiguez, cofundador da Cidadania 47, empresa de assessoria cidadania e cidadania de descendentes) da ditadura de Francisco Franco (1939-1975) que saíram da Espanha devido à perseguição política. Ao ser

implantada, já abarcava qualquer filho ou neto de espanhol.

A imigração espanhola para o Brasil ocorreu em diferentes momentos da história nacional, mas a principal onda se deu no fim do século 19 e início do século 20. Durante a década de 1910, com a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), o fluxo de espanhóis ao Brasil também aumentou, principalmente entre os derrotados pelas forças franquistas.

Em um ano e meio, a medida já concedeu cidadania a pelo menos 69 mil pessoas no mundo, especialmente nos países latino-americanos onde se fala espanhol. Os consulados

mais acessados são os de Havana (Cuba), com 15 mil aprovações, o da Cidade do México, com 8,5 mil, e o de Córdoba (Argentina), com 5,7 mil.

Santiago (Chile) e as cidades argentinas de Rosario e Mendoza figuram com mais de 4.000 concessões. O ministério não revelou a razão de tantos brasileiros que conseguiram o documento.

Gianesini explica que a intenção de todos os documentos do processo — que pode ser feita a qualquer momento de nascimento e de casamento originais dos antepassados na Espanha — dura de três a seis meses.